

---

## A LITERATURA NAS ÁGUAS DE MARINA COLASANTI: UM CONVITE À REFLEXÃO E AO ENCANTAMENTO

Rosa Maria Cuba Riche<sup>1</sup>  
Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira<sup>2</sup>

*A Literatura sempre tem um papel a desempenhar...*

Marina Colasanti

Marina Colasanti nasceu na cidade de Asmara, capital da Eritreia, antiga Etiópia, a 26 de setembro de 1937, para onde seu pai, militar, fora enviado em 1935, conforme narra em seu livro autobiográfico *Minha guerra alheia* (2010). Viveu uma infância nômade, inclusive em Trípoli, capital da Líbia, mas a partir dos quatro anos de idade seguiu com a família para a Itália, onde permaneceu até os onze. Em 1948, sua família radicou-se no Rio de Janeiro. Com formação em Artes, a escritora trabalhou como jornalista, publicitária e desenvolveu atividades em televisão, editando e apresentando programas culturais. Atuou como publicitária e, também, traduziu importantes obras de autores da literatura universal (COLASANTI, 2010<sup>3</sup> e 2012;<sup>4</sup> MARINACOLASANTI.COM, 2020).<sup>5</sup>

A pluralidade de sua vida transmitiu-se à obra. Seu primeiro livro data de 1968. Atualmente, sua produção é vasta, possui mais de 60 títulos, em gêneros textuais diversos, publicados tanto no Brasil quanto no exterior. Escreve obras literárias para diferentes públicos, bem como ensaios sobre temas pertencentes ao universo literário, feminino, social e político

---

<sup>1</sup> Docente da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e pós-doutoranda da Faculdade de Ciências e Letras de Assis (UNESP).

<sup>2</sup> Docente da Universidade Estadual Paulista (UNESP).

<sup>3</sup> COLASANTI, Marina. *Minha guerra alheia*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

<sup>4</sup> COLASANTI, Marina. *O nome da manhã*. Ilustr. Marina Colasanti, São Paulo: Global, 2012.

<sup>5</sup> MARINACOLASANTI.COM. Disponível em:

<<https://www.marinacolasanti.com/p/biografia.html>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

contemporâneo. Sua obra, pelos inúmeros prêmios nacionais e internacionais que recebeu, obteve reconhecimento da crítica especializada e, pelo valor estético, tem sido objeto de estudos acadêmicos (MARINACOLASANTI.COM, 2020). Por meio da literatura, teve a oportunidade de retomar sua atividade de artista plástica, tornando-se ilustradora de seus próprios livros.

Marina Colasanti é uma das mais premiadas escritoras brasileiras. É detentora de sete prêmios Jabuti da Câmara Brasileira do Livro com os livros *Entre a Espada e a Rosa* (1993), *Rota de Colisão* (1994), *Ana Z. Aonde Vai você?* (1994), *Eu Sei Mas Não Devia* (1997), *Passageira Em Trânsito* (2010), Poesia; *Antes de Virar Gigante* (2011), Juvenil; *Breve História de um Pequeno Amor*, publicado em 2014 que recebeu dois prêmios o Infantil e o Jabuti Dourado (Livro do Ano) (MARINACOLASANTI.COM, 2020).

Além do Jabuti, em 1979, a autora recebeu o Grande Prêmio da Crítica Livro/Autor, em literatura infantil, APCA com a obra *Uma Idéia Toda Azul*. Em 2009, recebeu o Prêmio Alphonsus de Guimarães, da Fundação Biblioteca Nacional — Poesia, com o livro *Passageira em Trânsito*. Foi o terceiro prêmio no Portugal Telecom de Literatura em 2011. Em 2017, foi agraciada com o Prêmio Iberoamericano SM de Literatura Infantil e Juvenil, além do Prêmio *Hors Concours* da Cátedra Unesco de Leitura PUC — RJ. Depois de vários livros premiados, tornou-se *hors-concours* da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Outras obras receberam prêmios internacionais como o Prêmio Norma-Fundalectura — com *Lejos Como Mi Querer* (1996) e o *Mejores del Año*, Banco del Libro, Venezuela, com essa mesma obra em 1998. E mais recentemente, em 20 de janeiro 2020, foi indicada para o Prêmio *Hans Christian Andersen*.<sup>6</sup> Essa premiação é considerada o Nobel da Literatura Infantil e Juvenil, portanto, uma das maiores celebrações da área.

Colasanti participa ativamente de congressos, simpósios, cursos e feiras literárias no Brasil e em outros países, de forma presencial e *on-line*. Sua produção literária, pela ruptura com delimitações entre gêneros textuais e níveis de linguagem, filia-se à pós-modernidade. Assim, encontram-se na sua prosa, que surge no final da década de 1960, características líricas, que a caracterizam como poética. Por outro lado, na sua produção poética, que surge na década de 1990, notam-se elementos que estruturam uma fabulação. Desse modo, seus poemas contam e sua prosa “canta”, e ambos encantam, pelo valor estético, o que justifica a ousadia no título desta entrevista. Tanto em sua produção em prosa, quanto em versos prevalece uma literatura engajada, marcada pela denúncia de formas de opressão e pela resistência a

---

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://www.ibby.org/awards-activities/awards/hans-christian-andersen-awards/hans-christian-andersen-award-2020>>. Acesso em: 21 maio 2020.

consensos sociais. Nesta entrevista, busca-se conhecer um pouco mais dessa autora múltipla, reconhecida pela crítica nacional e internacional, cuja obra segue encantando leitores da nova geração.

As influências do contexto sociocultural da virada da Modernidade para a Pós-Modernidade sobre a produção de Colasanti, o papel da literatura neste contexto, a técnica narrativa, a criação das personagens cada vez mais ambíguas frente às questões que afloram na trama e com as quais o leitor se identifica, o processo criador do conto, a presença de símbolos e sua representatividade no universo narrado, o insólito que invade o cotidiano das personagens são algumas indagações respondidas pela autora que nos ajudam a compreender melhor sua obra. Seu olhar feminino sensível transparece na pena que conduz o leitor a mergulhar na alma humana que busca reencontrar sua identidade tão fragmentada nesta sociedade em transformação.

1. Zygmunt Bauman, ao analisar as transformações ocorridas no século XX, afirma: “O que aconteceu no século XX foi uma passagem de toda uma era da história mundial, ou seja, da sociedade de produção para a sociedade de consumo. Por outro lado, houve os processos de fragmentação da vida humana” (2001<sup>7</sup>/2020<sup>8</sup>). Conforme o estudioso, a noção de pertencimento do indivíduo a uma determinada comunidade, nação e movimento político mudou, porque as sociedades foram individualizadas. Esse sujeito é solicitado a “redefinir o significado da vida, o propósito da vida, [...] Você tem que criar a sua própria identidade. Você não herda. [...] você tem que passar a sua vida de fato redefinindo a sua identidade” (2020). Desse modo, as identidades são móveis, elas se adaptam a cada situação. Uma coisa é que multiplicamos nós, a humanidade no planeta, as conexões, as relações, as interdependências, as comunicações, espalhadas por todo o mundo. Em que medida as mudanças no contexto social das últimas décadas influenciaram ou não a sua escrita?

R — Não se trata apenas das últimas décadas. O mundo sempre esteve em modificação, e a modificação sempre atingiu o contexto social. Sou pessoa do meu tempo. E no meu tempo vi muita modificação acontecer, vi uma guerra acontecer ao meu redor, vi a humanidade se multiplicar, as ruas das grandes cidades ecoarem passos sempre crescentes, cidade pequenas se tornarem cidade-dormitório, a pobreza/miséria se alastrar, espécies animais e vegetais ameaçadas de extinção, e o próprio planeta em ameaça climática.

---

<sup>7</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Trad: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

<sup>8</sup> BAUMAN, Zygmunt por Luís Mauro Sá Martino. *Quem somos nós?* Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=exRPweoBdfc>>. Acesso em: 4 mai. 2020.

Não seria escritora se isso tudo não estivesse entretecido nas palavras que escrevo.

2. Nesse contexto neoliberal em que vivemos, a literatura tem um papel a desempenhar?

R — A literatura sempre tem um papel a desempenhar, porque abriga a narrativa. E é a narrativa que nos faz humanos. Disse recentemente que a literatura abre um terceiro olho na testa do leitor: o Olho Leitor. É através dele que fazemos *links* entre passado e presente, entre diferentes realidades sociais e diferentes geografias, e é graças a ele que nos apropriamos de sabores, perfumes, brilhos vindos de outras culturas.

3. O que mudou na escrita de *Penélope manda lembranças*<sup>9</sup> em relação aos seus textos publicados nas décadas anteriores?

R — Prefiro que você, como crítica, o diga. Eu já havia publicado umas três dezenas de livros, havia adentrado na poesia e havia publicado meus livros declaradamente feministas. Não me imponho inovar a cada novo livro, fiz minhas escolhas fundamentais no início do percurso. Mas em *Penélope* quis fazer do leitor parte ativa, que ele tomasse certas decisões, entrasse dentro do texto. E gostei sumamente de fazer isso.

*a — Em relação à técnica narrativa —* No conto 3, por exemplo, a interlocução com o leitor coloca-o na cena narrada, a narrativa é cinematográfica com cortes de cena; a metanarrativa coloca o leitor como coadjuvante junto do narrador — “afaste-se” (p. 53), em *Alguém ganha esse jogo*, e os finais são inusitados — próprios do conto. Parece ter havido uma sofisticação, um burilamento na forma de narrar?

R — Espero ser sempre sofisticada na forma de narrar, e burilo a escrita à exaustão. A narrativa oral inventou os cortes muito antes que sequer houvesse cinema. O melhor narrador é aquele que melhor faz os cortes, induzindo o ouvinte ou o leitor a completar as partes que não estão sendo contadas, participando ativamente da história.

*b — Em relação às personagens —* *Ofélia, a ovelha*, vive a busca de sua identidade. As personagens dos contos de *Penélope manda*

---

<sup>9</sup> COLASANTI, Marina. *Penélope manda lembranças*. São Paulo: Ática, 2001.

*lembranças* (veja-se Bauman) apresentam uma crise de identidade com problemas de Memória/deslembração. Em *Um homem tão estranho*, o personagem é marcado pela ausência, é perturbado, estranho, desmemoriado... Você poderia falar um pouco sobre isso?

R — Prefiro te responder com uma poeminha do livro *Mais classificados e nem tanto*: “Olho o espelho, que me olha / fora e dentro da moldura / a busca da identidade / é dura”. E mais dura se faz na modernidade, em que a busca da identidade se contrapõe à construção da imagem.

4. Na entrevista inicial em *Penélope manda lembranças*, você afirma que “quando digo que tenho uma intenção crítica, estou falando da minha postura”. Nas histórias escritas em décadas anteriores, muitas protagonistas são mulheres fortes, personagens destemidas, determinadas (*Uma ideia toda azul, A mão na massa, Ofélia, a ovelha* etc.). Em *Penélope manda lembranças*, há personagens marcadas pela presença/ausência (“Criatura da casa” (p. 90), em *Na casa, à noite*); (“um homem estranho” (p.57), em *Um homem tão estranho*). Pode-se notar que as personagens masculinas, são desorientadas? Qual foi sua motivação para representá-las dessa forma?

R — É preciso diferenciar os contos maravilhosos do resto da minha produção. Nos contos maravilhosos não trabalho com a razão, coloco-me à disposição da história que minha emoção ou meu inconsciente ou meu imaginário — ou o nome que você quiser dar a essa fonte — me conta. No restante da minha produção, minicontos, contos, poesia, ensaios, trabalho firmemente ancorada à razão, ao pensamento crítico, fazendo ligações com minha bagagem literária e minha experiência de vida. Sou feminista histórica. E durante os 20 anos em que trabalhei como editora de comportamento de uma revista feminina, estudei história, sociologia e me debrucei intensamente sobre a inserção da mulher na sociedade. Mulheres fortes, destemidas me habitam desde a infância, e afloram/transparecem na minha escrita. Isso não inclui nenhum desejo de reforçar a força feminina através da fraqueza ou desorientação masculina, pois não precisamos disso. As personagens masculinas de *Penélope* são homens que conheci, menos a de *Alguém ganha este jogo* que, como está dito na entrevista ao fim do livro, nasce de uma conferência em japonês — língua que desconheço — e de uma imagem.

5. O lobo, que aparece em outros contos (ver outros contos além de *Ofélia, a ovelha*), é pouco comum às terras brasileiras. Você o trouxe de

suas memórias da infância ou de suas leituras?

R — O lobo não existe em terras brasileiras, mas é só contar qualquer história de lobo para brasileirinhos, para ver os olhos brilharem. O lobo é um símbolo, como demonstrado por Clarissa Pinkola Estés. O símbolo da nossa animalidade, da nossa ferocidade, do nosso poder de ataque e defesa, da nossa sexualidade. Não é preciso trazê-lo de memórias de infância. Todos o temos dentro de nós.

6. Nos seus primeiros contos dispostos na obra *Uma ideia toda azul*, o maravilhoso/fantástico está presente, assim como o diálogo com os contos de fadas, o que agrada ao público leitor infantil. Já em *Penélope manda lembranças*, percebe-se a presença do estranhamento, o insólito invade a narrativa e o cotidiano das personagens, principalmente no conto homônimo ao livro e em: *A hora dos lobos — Um homem tão estranho que... Na casa, à noite...* Gostaria que você comentasse esse processo. Houve mudança de público-alvo para essa última obra?

R — Não escrevo para público-alvo! Público-alvo interessa à publicidade e à indústria editorial. Mas não à arte. Tampouco escrevo buscando agradar determinado público! Torno a repetir. Uma coisa são os contos maravilhosos, outra coisa é o restante da minha produção. O estranhamento, o insólito atravessa todos os meus livros. Detestaria ser uma escritora “sólita”, previsível.

7. Você já disse anteriormente que, para escrever contos de fadas, sente uma espécie de Xamã, algo que lhe chama para escrever. E em relação aos contos de *Penélope manda lembranças*, houve algum fator motivador que motivasse a escrita deles?

R — Nunca fiz qualquer menção a Xamã. Cada livro é para mim um “projeto livro”, e cada projeto livro exige um olhar específico, uma embocadura. Os livros de minicontos são todos temáticos. Em *Penélope* o fio condutor foi a metamorfose.

8. Para os ilustradores, cada história tem uma cor. Na entrevista inicial de *Penélope*, ao se referir ao conto *Alguém ganha esse jogo*, a sala é marrom, mas você diz que não gosta da cor. Contudo, você a utilizou em sua criação. Para você, cada história tem uma cor, já que também é ilustradora?

R — Certamente, não! A cena que eu via neste conto, conforme relatado na entrevista, era marrom, por uma escolha de luz e sombra, contrastes de que eu precisava para construir o clima tenso. A ilustração acontece muito depois de ter entregue o livro. Não entrego os dois juntos porque sou incapaz de fazer o projeto gráfico no computador. Espero que a editora me diga: “Hora de ilustrar”. Então volto ao texto. Mas o leio de outro modo, porque tenho que tomar decisões gráficas, em vez das decisões literárias que tomei ao escrevê-lo.

9. Os símbolos estão presentes em seus contos. A espada e a rosa, no conto *Entre a espada e a rosa*; também nos contos de *Penélope manda lembranças*, tais como: o lobo, a faca; a serpente; o labirinto em *Um homem tão estranho*; o gato em *Penélope manda lembranças e, Na casa, à noite*; o anel, a luva, a serpente em *O homem da luva roxa*. Você reflete sobre os significados desses símbolos ao utilizá-los seu processo criativo ou segue sua intuição?

R — Não escolho os símbolos. Eles me escolhem.

10 — O que diria aos jovens sobre a importância da leitura no atual contexto de pandemia?

R — Leitura não tem nada a ver com a atual pandemia. O Brasil está em pandemia de racismo, de pobreza, e de machismo desde o descobrimento. A leitura tem a ver com a qualidade da vida, o enriquecimento da vida, a diversidade da vida. Tem a ver com a apropriação de experiências que nunca se viveram. A leitura é um patrimônio importante em qualquer tempo, a ser adquirido progressivamente, cada livro acrescentando conhecimento ao anterior, como um bando de elefantinhos andando com a tromba de um presa no rabinho do outro.

Recebido em 5 jan. 2021  
Aprovado em 12 fev. 2021